

LINGUASAGEM

A RESPEITO DE COLETIVOS, DISTRIBUTIVOS E COMITATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Carolina de Sousa Araújo¹
Elisa Anju Lardapide²

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo analisar aspectos semânticos da distributividade, da coletividade e da comitatividade no Português Brasileiro (PB). Para tanto, discorreremos sobre esses conceitos, apresentando exemplos que ilustram o comportamento de tais fenômenos no PB, destacando suas diferenças e similaridades. O presente artigo também apresenta uma breve discussão sobre os itens ‘sozinho’ e ‘junto(s)’, estudados por Basso e Rodrigues (2024) e Basso e Araújo (2024), classificados, respectivamente, como modificadores de anticomitatividade e antidistributividade, que estão diretamente relacionados aos fenômenos discutidos neste estudo. Por fim, dadas as diferenças apresentadas entre distributividade, coletividade e comitatividade e entre os termos analisados, propomos uma análise inicial de sentenças que combinem os itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’, de forma a descrever a (in)compatibilidade de interpretações antidistributivas e anticomitativas. Dessa forma, buscamos contribuir para a descrição dessas categorias semânticas, bem como para a descrição do português brasileiro, e avançar os estudos na literatura em semântica formal.

PALAVRAS-CHAVE: Distributividade; Coletividade; Comitatividade; Semântica.

ABSTRACT

In this article, we aim to analyze the semantic aspects of distributivity, collectivity and comitativity in Brazilian Portuguese (BP). For this purpose, we will discuss these concepts and present examples that illustrate how these phenomena behave in BP, highlighting their differences and similarities. This article also presents a brief discussion on the items ‘sozinho(s)’ (*alone*) and ‘junto(s)’ (*together*), studied by Basso and Rodrigues (2024) and Basso and Araújo (2024), and classified, respectively, as modifiers of anti-comitativity and anti-distributivity, which are closely related to the phenomena under investigation. Finally, given the differences observed between distributivity, collectivity and comitativity and the terms analyzed, we propose an initial analysis of sentences that combine the items ‘junto(s)’ and ‘sozinho(s)’, in order to describe the (in)compatibility of anti-distributive and anti-comitative interpretations. In this way, we seek to contribute to the description of these semantic categories, as well as to the description of Brazilian Portuguese, and to advance studies in the literature on formal semantics.

KEYWORDS: Distributivity; Collectivity; Comitativity; Semantics.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo nº 2024/05082-0. E-mail: anacs@estudante.ufscar.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo nº 2025/00220-8. E-mail: lisanju.contato@gmail.com.

Introdução

Os estudos realizados por Basso e Araújo (2024) sobre o item ‘junto(s)’ e por Basso e Rodrigues (2024) sobre o item ‘sozinho’ mostraram que, no português brasileiro (PB), tais expressões têm funções intuitivamente opostas. Segundo Basso e Araújo (2024), ‘junto(s)’ desempenha um papel antidistributivo nas sentenças em que ocorre, isto é, a expressão não permite que as sentenças modificadas por ela sejam lidas de forma distributiva, apenas coletiva. Tal comportamento pode ser visto nos exemplos abaixo.

- (1) a. João e Maria ganharam muitos presentes.
b. João ganhou muitos presentes e Maria ganhou muitos presentes.
- (2) João e Maria ganharam muitos presentes juntos.

A partir desses exemplos, podemos notar que a sentença (1), que não é modificada por ‘junto(s)’, pode ser lida de forma distributiva, em que tanto João quanto Maria ganharam muitos presentes, ao passo que para a sentença (2), com ‘junto(s)’, a interpretação que temos é de que a quantidade de presentes que João e Maria ganharam só pode ser mensurada coletivamente, ou seja, a partir da soma dos presentes de cada um.

Por sua vez, o item ‘sozinho’ é classificado por Basso e Rodrigues (2024, p. 20) como um anticomitativo, de forma que o termo veicula “a expressão gramatical de não possuir companhia, seja através da exclusão de indivíduos relevantes num dado espaço, de argumentos de um predicado ou de causas para um evento”. Dessa forma, em uma sentença como (3) a seguir, o que ‘sozinho’ faz é expressar que João está desacompanhado, isto é, não há nenhum outro indivíduo no mesmo espaço que ele.

- (3) João está sozinho em casa.

Assim, dadas as características dessas expressões, é de se esperar que elas possam fornecer argumentos que ajudem a explicar o funcionamento dos fenômenos da distributividade, no caso de ‘junto(s)’, da comitatividade, no que diz respeito à expressão ‘sozinho’, e da coletividade, no caso de ambos os itens, no PB.

Para demonstrar tais características dos modificadores, o presente artigo se organiza da seguinte forma: na primeira seção introduziremos as noções de distributividade, comitatividade e coletividade, assim como seus pressupostos e

comportamento no PB. Além disso, buscaremos demonstrar quais são as características que diferenciam tais fenômenos. Feito isso, na segunda seção, retomaremos, de forma aprofundada, os argumentos de Basso e Araújo (2024) e Basso e Rodrigues (2024), com o intuito de demonstrar o comportamento antidistributivo de ‘junto(s)’ e o comportamento anticomitativo de ‘sozinho’. Já na terceira seção, mostraremos que, ainda que, a princípio, tais expressões sejam intuitivamente compreendidas como tendo sentidos opostos, é possível combiná-las em sentenças do PB. Nesta etapa, também buscaremos demonstrar que a interpretação resultante da combinação entre as duas expressões consiste em uma leitura simultaneamente antidistributiva e anticomitativa. Por fim, na Conclusão, retomaremos o percurso realizado, apresentando os resultados obtidos e questões em aberto.

Sobre distributividade, coletividade e comitatividade

Nesta seção, discorreremos sobre os conceitos de distributividade, coletividade e comitatividade na literatura especializada em semântica formal, além de apresentar exemplos que demonstram o funcionamento de cada um destes fenômenos no PB. Feito isso, no último tópico desta seção, abordaremos algumas das diferenças existentes entre os fenômenos analisados.

A noção de distributividade

O fenômeno conhecido como distributividade ocorre quando “um predicado se aplica aos membros ou subconjuntos de um conjunto ou grupo ou às partes de uma entidade” (Champollion, 2015, p. 3, tradução nossa³), como mostram os exemplos abaixo:

- (4) As dez meninas sorriram.
- (5) João e Maria calçaram os sapatos.

Como podemos notar, em ambas as sentenças, os predicados se distribuem entre os indivíduos. Em outras palavras, no caso de (4), vemos que o predicado ‘sorrir’ se aplica

³ No original: “[...] application of a predicate to the members or subsets of a set or group, or to the parts of an entity” (Champollion, 2015, p. 3).

a cada uma das meninas que fazem parte do conjunto relevante, formado por dez meninas, de forma que a interpretação que temos é aquela em (6).

(6) A menina 1 sorriu, a menina 2 sorriu, a menina 3 sorriu... e a menina 10 sorriu.

Da mesma forma, na sentença (5), o predicado ‘calçar os sapatos’ também é interpretado distributivamente, de forma que a leitura que temos de tal sentença é a que está representada no exemplo (7) abaixo.

(7) João calçou os sapatos e Maria calçou os sapatos.

Para além de ‘sorrir’ e ‘calçar os sapatos’, podemos pensar em outros predicados verbais que se aplicam a cada um dos indivíduos ou partes de uma pluralidade, isto é, que são distributivos. É o caso, por exemplo, dos predicados ‘dormir’ (8), ‘correr’ (9), ‘espirrar’ (10), ‘usar vestido’ (11), entre outros.

(8) a. As crianças dormiram.

b. A criança 1 dormiu, a criança 2 dormiu, a criança 3 dormiu... a criança n dormiu.

(9) a. João e Maria correram.

b. João correu e Maria correu.

(10) a. Cinco pessoas espirraram.

b. A pessoa 1 espirrou, a pessoa 2 espirrou, a pessoa 3 espirrou, a pessoa 4 espirrou e a pessoa 5 espirrou.

(11) a. Ana, Maria e Elisa estão usando vestido.

b. Ana está usando vestido, Maria está usando vestido e Elisa está usando vestido.

A partir dessa série de exemplos, percebe-se que é possível haver interpretação distributiva mesmo que não haja um marcador distributivo evidente (Champollion, 2015). Há, no entanto, a possibilidade de obter ou de reforçar uma interpretação distributiva ao combinar os predicados com modificadores distributivos, como ‘cada’ (*each*) e ‘cada um’

(*a piece*)⁴. Assim, em sentenças como (12) e (13), vemos que o uso de tais modificadores resulta na interpretação de os predicados se aplicarem aos indivíduos distributivamente.

(12) a. João e Maria compraram uma casa cada.

b. João comprou uma casa e Maria comprou uma casa.

(13) a. Cada uma das crianças ganhou um presente.

b. A criança 1 ganhou um presente, a criança 2 ganhou um presente, a criança 3 ganhou um presente ... a criança n ganhou um presente.

Na literatura, a distributividade acionada por modificadores, como é o caso de ‘cada’ e ‘cada um’, é chamada de *distributividade evidente (overt distributivity)*, ao passo que a distributividade que ocorre sem o uso de algum marcador distributivo explícito é chamada de *distributividade encoberta (covert distributivity)*⁵.

A partir de tais considerações, Champollion (2015) apresenta uma definição operacional que explicita o funcionamento dos predicados verbais distributivos⁶, como mostra a definição abaixo (adaptado de Champollion, 2015, p. 8⁷):

⁴ Para além dos itens ‘cada’ e ‘cada um’, podemos pensar em outras expressões que também podem ser entendidas como modificadores de distributividade, isto é, como termos que (re)forçam a distributividade de um predicado. É o caso, por exemplo, dos itens ‘todo’, como pode ser visto em (i) e ‘ambos’, como mostra (ii).

(i) a. Todo professor aplicou três provas.

b. O professor 1 aplicou três provas, o professor 2 aplicou três provas, o professor 3 aplicou três provas... o professor n aplicou três provas.

(ii) a. Ambos, João e Maria, carregaram uma mala.

b. João carregou uma mala e Maria carregou outra mala.

⁵ Cf. Champollion (2015, 2019); Syrett (2019), entre outros.

⁶ Champollion (2015) aponta que, no inglês, tal definição evita construções envolvendo sujeitos formados por coordenações e plurais definidos, que, segundo o autor, nem sempre funcionam com predicados distributivos. Como podemos notar, porém, no PB, tal definição não parece funcionar, uma vez que, para além de sentenças com sujeitos formados por numerais, como visto em (15), os predicados distributivos também parecem funcionar com sujeitos definidos e coordenações, como mostram os exemplos anteriores, como (8) e (9), repetidos abaixo.

(i) a. As crianças dormiram.

b. A criança 1 dormiu, a criança 2 dormiu, a criança 3 dormiu... a criança n dormiu.

(ii) a. João e Maria correram.

b. João correu e Maria correu.

⁷ No original:

(17) **Operational definition: Distributive predicate**

A distributive predicate is a predicate for which (18a) and (18b) are acceptable and entail each other when it is substituted for PRED.

(18) a. Three people PRED

b. Three people each PRED.

(14) **Definição operacional: Predicado distributivo**

Um predicado distributivo PRED é um predicado para o qual (a) e (b) são aceitáveis e se acarretam mutuamente quando substituídos por PRED:

- a. Três pessoas PRED.
- b. Três pessoas cada [uma] PRED / Cada uma das três pessoas PRED.

Para analisar a aplicabilidade dessa definição, pensemos no exemplo (4), retomado abaixo em (15). Como podemos notar, (15a) e (15b) apresentam uma interpretação distributiva, de forma que dizer que as dez meninas sorriram, acarreta que cada uma delas sorriu, e dizer que cada uma delas sorriu, acarreta que as dez sorriram.

- (15) a. As dez meninas sorriram.
- b. Cada uma das dez meninas sorriu.

Ao definir o funcionamento dos predicados distributivos, o autor também apresenta uma definição para os modificadores distributivos que, de acordo com ele, são “aqueles que são compatíveis apenas com predicados distributivos” (Champollion, 2015, p. 8, tradução nossa⁸).

Para além da distinção entre distributividade evidente e distributividade encoberta, existem inúmeras questões que podem ser analisadas quando se trata do fenômeno da distributividade. Por questões de espaço, não é possível que todas as características da distributividade sejam abordadas neste artigo. Porém, antes de finalizar este tópico, é possível que mais um ponto seja apresentado: o fenômeno da *distributividade não atômica*.

Conforme apontamos no início desta seção, a distributividade é o fenômeno que ocorre quando um predicado se divide entre cada uma das entidades que compõem o sujeito da sentença⁹. Nestes casos, estamos falando de uma distributividade atômica. Tal visão, defendida, por exemplo, por Lasersohn (1995, 1998a) e Link (1997),

assume que a distributividade do predicado envolve quantificação universal sobre indivíduos singulares, de forma que na interpretação

⁸ No original: “[...] those which are compatible only with distributive predicates” (Champollion, 2015, p. 8).

⁹ Neste artigo, seguindo a bibliografia citada, entendemos que um predicado é distributivo quando se aplica a cada uma das entidades que compõem o sujeito da sentença. Não descartamos, porém, a possibilidade de haver predicados distributivos que se aplicam a entidades na posição de objeto.

distributiva de uma sentença como *The men are taking a breath*, a descrição indefinida *a breath* varia em relação a um quantificador universal encoberto que abrange cada indivíduo (Champollion, 2015, p. 16, grifos do autor, tradução nossa¹⁰).

Em outras palavras, em uma sentença como (16a) a seguir, a distributividade da sentença é atômica, uma vez que o predicado se aplica a cada átomo, isto é, a cada um dos indivíduos singulares (Florio; Nicolas, 2020) que existem dentro da pluralidade denotada por ‘homens’. Assim, dada sua interpretação distributiva, a leitura que temos de tal sentença é aquela em (16b).

(16) a. Os homens estão tomando um ar.

b. Cada um dos indivíduos singulares contidos dentro da pluralidade ‘homens’ está tomando um ar.

Ainda que a visão da distributividade atômica seja mais difundida, não devemos descartar a existência de uma visão não-atômica do fenômeno da distributividade. Tal visão defende que a “distributividade do predicado apenas envolve quantificação universal sobre certas partes do indivíduo plural e essas partes podem ser não atômicas” (Champollion, 2015, p. 17, tradução nossa¹¹). Ainda de acordo com Champollion (2015), os casos desse tipo de distributividade podem ser observados em situações em que, por meio de um contexto pragmático específico, é possível que o predicado se distribua entre entidades não atômicas.

Para compreender do que se trata a distributividade não atômica, podemos pensar no seguinte exemplo (adaptado de Lasersohn, 1998a *apud* Champollion, 2015¹²).

(17) Contexto

Três pares de sapatos estão em uma vitrine, cada um com a seguinte etiqueta: “Os sapatos custam cinquenta reais”.

¹⁰ No original: “[...] assumes that phrasal distributivity involves universal quantification over singular individuals, so that in the distributive reading of a sentence like *The men are taking a breath*, the indefinite *a breath* covaries with respect to a covert universal quantifier that ranges over individual men” (Champollion, 2015, p. 16).

¹¹ No original: “[...] phrasal distributivity merely involves universal quantification over certain parts of the plural individual, and that these parts can be nonatomic” (Champollion, 2015, p. 17).

¹² No original:

(44) Context: 3 pairs of shoes are on display, each with a \$50 tag:
The shoes cost fifty dollars.

A partir da sentença, e de seu contexto, podemos compreender (i) que não são todos os três pares de sapatos que custam cinquenta reais juntos e (ii) que não é cada sapato, tomado de forma individual, que custa este valor, mas sim cada par de sapatos. Em outras palavras, o que temos é um caso de distributividade não atômica em que o predicado se distribui não entre cada um dos sapatos, mas sim entre cada par¹³.

Se tal sentença fosse dita sem um contexto específico, no entanto, talvez ela pudesse ou ser lida de forma coletiva, em que todos os sapatos, juntos, custassem cinquenta reais, ou com uma distribuição atômica, em que cada um dos sapatos tivesse esse preço. Assim, segundo Champollion (2015, p. 19, tradução nossa¹⁴), que, por sua vez, toma como base os argumentos de Schwarzschild (1996), a distributividade não atômica ocorre “em um conjunto limitado de circunstâncias, essencialmente quando há uma maneira particularmente saliente de dividir um indivíduo plural em outras partes que não sejam seus átomos”.

A noção de coletividade

A noção de coletividade, enquanto uma propriedade de interpretação de predicados, pode ser compreendida como sendo o oposto da distributividade (Champollion, 2015). Isso porque, enquanto os predicados verbais distributivos se aplicam a cada uma das entidades que formam uma pluralidade, um predicado “é coletivo se aplicado a certas entidades juntas” (Ritchie, 2017, p. 465, tradução nossa¹⁵). Nesse sentido, as sentenças em (18) e em (19) seriam coletivas, uma vez que só podem ser compreendidas se pensarmos que os predicados se aplicam a todos os indivíduos de forma conjunta.

(18) João e Maria se reuniram.

(19) Os policiais cercaram o prédio.

¹³ É importante ressaltar, como já comentado anteriormente, que a noção de par é contextualmente relevante, delimitada a partir de mecanismos pragmáticos baseados nas informações fornecidas na situação comunicacional e no conhecimento compartilhado entre os participantes da conversação.

¹⁴ No original: “[...] in a limited set of circumstances, essentially whenever there is a particularly salient way to divide a plural individual into parts other than its atoms” (Champollion, 2015, p. 19).

¹⁵ No original: “[...] it is collective if it applies to some entities together” (Ritchie, 2017, p. 465).

De acordo com Champollion (2015), os critérios que determinam o que é o fenômeno da coletividade não são muito bem definidos. No entanto, é possível apontar que uma das formas de descobrir se um predicado é coletivo, tanto no inglês quanto no PB, é analisar sua (in)compatibilidade com determinantes distributivos, como ‘cada um(a) dos(as)’ (*every one of*), como mostra o exemplo em (20) (adaptado de Champollion, 2015, p. 20).

(20) a. The ten girls gathered. → As dez garotas se reuniram.

b. *Every one of the ten girls gathered. → *Cada uma das dez garotas se reuniu.

Tal comportamento está em conformidade com a afirmação de Schwarzschild (1996, p. 181, tradução nossa¹⁶) de que “é uma propriedade dos [predicados] coletivos que eles geralmente não são receptivos a interpretações distributivas”.

Uma outra questão levantada por Champollion (2015), e também encontrada em Ritchie (2017), é o fato de que os predicados coletivos, diferentemente dos predicados distributivos, que podem se combinar, sem problemas de ordem sintática ou semântica, com sujeitos singulares e não coletivos, como, por exemplo, nomes próprios, “não se combinam facilmente e de forma feliz com sujeitos singulares e não coletivos” (Ritchie, 2017, p. 466, tradução nossa¹⁷). Um exemplo dessa questão, no inglês, pode ser visto nas sentenças em (21) (exemplos retirados de Champollion, 2015, p. 20).

(21) a. Kim and Sam met (Kim e Sam se conheceram/se encontraram).

b. *Kim met and Sam met (*Kim conheceu e Sam conheceu).

Em um primeiro momento, nos parece que tal fenômeno, isto é, que a incompatibilidade de predicados coletivos com nomes próprios/sujeitos singulares, também ocorre no PB, como mostram os exemplos (22) e (23).

¹⁶ No original: “[...] it is a property of collectives that they are generally not amenable to distributive readings” (Schwarzschild, 1996, p. 181).

¹⁷ No original: “[...] do not easily combine felicitously with singular non collective subjects” (Ritchie, 2017, p. 466).

- (22) a. João e Pedro se reuniram¹⁸.
b. #João se reuniu e Pedro se reuniu¹⁹.
- (23) a. Ana e Maria são um casal.
b. #Ana é um casal e Maria é um casal.

Há, no entanto, certos predicados que, em um primeiro momento, parecem coletivos, mas que podem ser combinados facilmente com nomes próprios, como é o caso do exemplo (24) abaixo.

- (24) a. João e Maria se olharam.
b. João se olhou e Maria se olhou.

A primeira leitura que temos ao analisar a sentença (24a) é a de que o predicado ‘se olharam’ foi realizado de maneira coletiva/conjunta por João e Maria, isto é, que os dois trocaram olhares entre si. Em outras palavras, o que temos neste caso, é uma interpretação recíproca. No entanto, como podemos observar em (24b), é possível que o predicado, a princípio coletivo, seja aplicado à indivíduos singulares, de forma que a interpretação que temos para tal sentença é reflexiva, isto é, uma leitura em que João olhou a si mesmo, *i.e.* olhou seu reflexo no espelho, e Maria olhou a si mesma.

Diante de tais exemplos, surge o seguinte questionamento: existem diferenças semânticas entre os predicados coletivos do PB, que fazem com que predicados que

¹⁸ O item ‘se’ (pronomes reflexivos recíprocos) parece obrigatório para vários predicados verbais coletivos no PB. No entanto, como pode ser visto nos exemplos abaixo, alguns desses predicados podem funcionar sem o ‘se’.

- (i) a. João e Maria se reuniram.
b. #João e Maria reuniram.
- (ii) a. João e Maria se conheceram.
b. #João e Maria conheceram.
- (iii) a. João e Maria se abraçaram.
b. João e Maria abraçaram.

Vale notar, ainda, que para algumas variedades do português brasileiro a presença do reflexivo ‘se’ acompanhado de predicados não é obrigatória.

¹⁹ Neste caso, é possível que a sentença funcione em uma situação em que João tenha reunido a si mesmo, *i.e.* reunido suas forças, e Pedro tenha feito o mesmo. Tal interpretação, porém, precisa de uma grande contextualização pragmática, o que faz com que, à primeira vista, tal sentença seja estranha no PB, mas não impossível. Além disso, tal interpretação também pode ser possível se considerarmos que o item ‘se’ funciona como um argumento do predicado - ‘se reunir’ pede dois argumentos, o que faz com que uma sentença como “João e Pedro reuniram” ou “João reuniu” seja ruim, mas “João e Pedro se reuniram” e “João se reuniu” são possíveis por conta da grade argumental.

pertencem a essa categoria, como ‘se reunir’ e ‘se olhar’, se comportem de maneira diferente?

Uma forma de olhar para essa questão é pensar, como apontamentos nos exemplos (24a) e (24b), em interpretações recíprocas e reflexivas. Segundo Palmieri (2024, p. 63, tradução nossa²⁰), nas línguas românicas “reflexividade e reciprocidade são expressas usando a mesma forma”, e, no caso do PB, assim como do italiano, essas interpretações são acionadas pelo pronome ‘se’. No entanto, como pudemos observar nos exemplos (22) e (24), não parecem ser todos os predicados verbais da língua que, combinados com o pronome ‘se’, apresentam essa dupla interpretação, uma vez que, enquanto (24) pode ser interpretado tanto reflexivamente quanto reciprocamente, (22) apresenta apenas uma leitura recíproca.

Dado que nosso objetivo nesta seção é apenas apresentar o conceito de coletividade em linhas gerais, não nos aprofundaremos sobre tais questões aqui. Cabe destacar, porém, que uma análise detalhada, que se proponha a explicar, por exemplo, (i) se a coletividade só funciona quando a interpretação de uma sentença é recíproca; (ii) se há recíprocos não coletivos; e (iii) se há coletivos não recíprocos, é necessária para a compreensão do funcionamento dos predicados coletivos no PB, tema ainda muito pouco explorado.

A noção de comitatividade

A comitatividade pode ser compreendida como a categoria gramatical que contribui semanticamente com a expressão de acompanhamento, mas que também se desdobra, pelo menos, nas expressões de instrumentalidade e causalidade. Araújo *et al.* (2019) apontam que o comitativo ‘com’ do PB, ao longo da tradição especializada, é associado a diferentes papéis temáticos, como Agente, Instrumento, Causa, Companhia ou Tempo. Os exemplos a seguir (retirados de Araújo *et al.*, 2019) ilustram essas possibilidades:

- (25) a. João viajou com Maria. – *Agente*
- b. João abriu a porta com o pé-de-cabra. – *Instrumento*
- c. A porta se abriu com a ventania. – *Causa*

²⁰ No original: “[...] reflexivity and reciprocity are expressed using the same form” (Palmieri, 2024, p. 63).

d. João está em casa com Maria. – *Companhia*

e. Com trinta anos, ele comprou uma casa. – *Tempo*

Apesar das interpretações em (25a-e) serem distintas, os autores reconhecem que o comitativo ‘com’ possui um mesmo núcleo semântico para todos os casos: permite o acompanhamento da entidade modificada por ‘com’ no evento descrito pela sentença. Em (25a), ‘com’ permite que Maria acompanhe João no evento de viajar; em (25b), ‘com’ permite que o pé-de-cabra acompanhe o evento de abrir a porta; em (25c) ‘com’ permite que a ventania acompanhe o evento da porta abrir e assim por diante. Note, no entanto, que a contribuição semântica de ‘com’ está apenas em permitir o acompanhamento de uma dada entidade no evento descrito na sentença, e as interpretações específicas podem ser composicionalmente derivadas.

O que define o papel temático da entidade introduzida por ‘com’, conforme Araújo *et al.* (2019), são os traços semânticos do complemento regido por ‘com’ com o resto da sentença, assim como mecanismos pragmáticos de implicatura via Máxima da Relevância. Por exemplo:

(26) a. [_{Paciente} Várias mulheres] (se) casaram com [_{Paciente} João].

b. [_{Paciente} Várias mulheres] (se) casaram com [_{Agente} João]. Ele é um ótimo celebrante.

Tanto em (26a) quanto (26b), o comitativo ‘com’ introduz João como participante do evento de casamento, porém sem especificar seu papel no evento. Levando em consideração os traços semânticos de ‘casar’ e ‘João’, é possível alcançar as interpretações de que João participa do evento de casamento como Paciente – João se casou com várias mulheres – ou como Agente – João realizou o casamento de várias mulheres. A interpretação acionada por (26a) corresponde ao caso em que João é introduzido ao evento como Paciente. Porém, essa interpretação, segundo Araújo *et al.* (2019), é resultado de uma implicatura, que pode ser cancelada por uma continuação como em (26b), que resulta na interpretação de que João é introduzido como Agente no evento. O interessante a se notar, no entanto, é que para todas as interpretações o ‘com’ apresenta o mesmo comportamento semântico: permitir o acompanhamento de uma entidade num dado evento.

Apesar de compreendermos que a noção de comitatividade está relacionada com a expressão semântica de acompanhamento, ainda é uma tarefa difícil delimitar com precisão que item do inventário do PB compõe a categoria dos comitativos, dada sua semelhança com outras categorias gramaticais, como, por exemplo, a dos coletivos. Por isso, dedicamos o tópico a seguir para uma breve apresentação das relações entre as noções de distributividade, coletividade e comitatividade, atentando-nos às suas similaridades e diferenças.

Quais as relações entre distributivos, coletivos e comitativos?

Conforme discorrido ao longo desta seção, pudemos observar as principais características semânticas das noções de distributividade, coletividade e comitatividade. A Tabela 1 a seguir resume as informações apresentadas até então sobre essas noções:

Distributividade	Propriedade de interpretação de predicados em que as características de um dado predicado são atribuídas a entidades de um par, grupo ou conjunto distributivamente, <i>i.e.</i> a atribuição é feita para cada uma das entidades que compõem o par, grupo ou conjunto. Por exemplo: ‘As dez meninas sorriram’.
Coletividade	Propriedade de interpretação de predicados em que as características de um dado predicado são atribuídas a entidades coletivamente, <i>i.e.</i> a atribuição é feita a um grupo ou conjunto de indivíduos como um todo. Por exemplo: ‘João e Maria se reuniram’.
Comitatividade	Propriedade de interpretação de predicados que contribui com a expressão de acompanhamento, permitindo que uma dada entidade seja introduzida no evento descrito na sentença. Por exemplo: ‘João viajou com Maria’.

Tabela 1 - Sobre distributivos, coletivos e comitativos²¹

Conforme observado na Tabela 1, a distributividade e a coletividade são entendidas, por definição, como categorias semânticas opostas: enquanto distributivos atribuem características de um predicado por distribuição para cada uma das entidades modificadas, os coletivos atribuem características de um predicado a um conjunto de

²¹ Fonte: Elaboração própria.

entidades como um todo. A Figura 1 a seguir ilustra o comportamento de distributivos e coletivos.

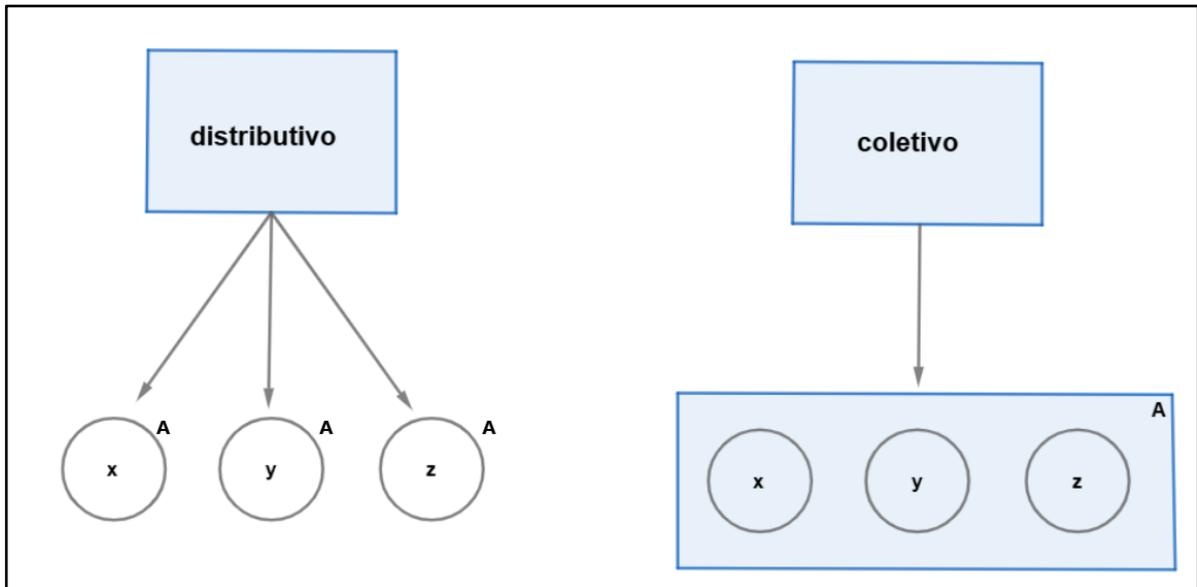


Figura 1 - Sobre a diferença entre distributivos e coletivos²²

A comitatividade, por sua vez, distingue-se da distributividade e da coletividade na medida em que é responsável por introduzir uma entidade em um evento. É interessante notar, no entanto, que um comitativo pode permitir tanto interpretações distributivas quanto interpretações coletivas. Por exemplo:

(27) João viajou com Ana e Maria²³.

A partir de (27), é possível alcançar a interpretação de que João viajou com Ana e Maria na mesma viagem – isto é, Ana e Maria acompanham João no mesmo evento de viagem. Por sua vez, é também possível alcançar a interpretação de que João viajou com Ana e Maria em viagens diferentes – Ana e Maria acompanham João em diferentes eventos de viagem, cada uma em um evento distinto. A Figura 2 a seguir ilustra essas possibilidades:

²² Fonte: Elaboração própria.

²³ Identificamos também a possibilidade de uma terceira interpretação: Ana e Maria são Agentes do evento de viagem e João participou da viagem com elas – isto é, João fechou a viagem com elas. Para todos os casos de interpretação, de todo modo, o comitativo ‘com’ apresenta o mesmo mecanismo semântico.

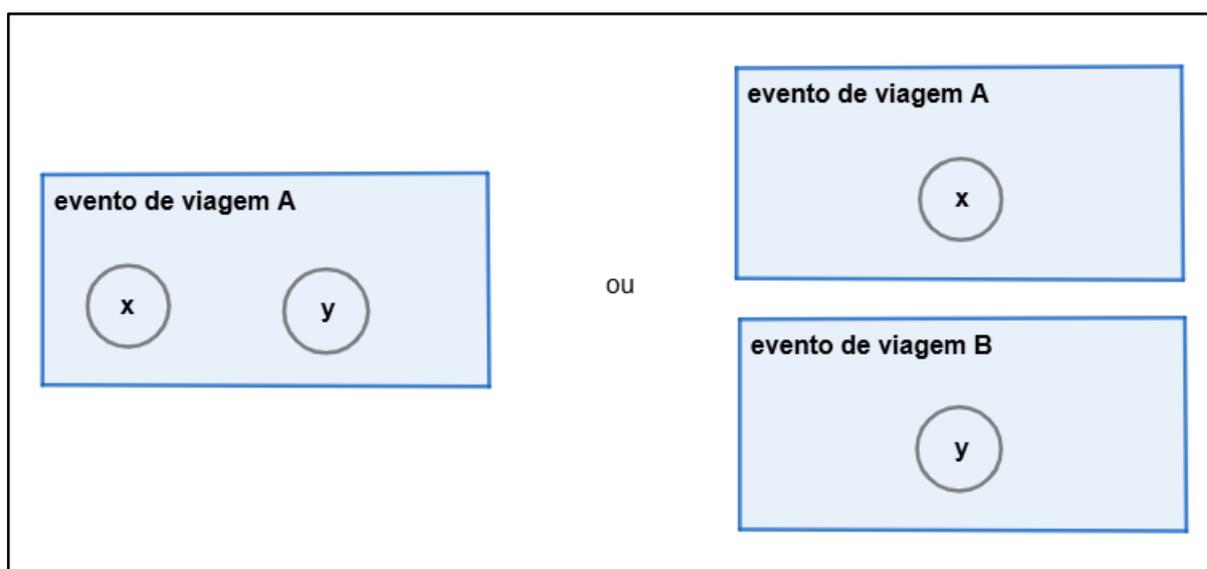


Figura 2 - Comitatividade com possibilidade de interpretação distributiva ou coletiva²⁴

Apesar de reconhecermos as possibilidades de interpretação distributiva e coletiva para o comitativo ‘com’ em (27), identificamos que a interpretação predominante é coletiva – Ana e Maria acompanham João no mesmo evento de viagem. Essa interpretação, no entanto, é resultado de uma implicatura, que pode ser cancelada em uma continuação como ilustrada em (28) a seguir:

(28) João viajou com Ana e Maria, cada uma numa viagem diferente.

A continuação ‘cada uma numa viagem diferente’ cancela a interpretação coletiva, resultando na interpretação distributiva de que Ana acompanhou João em um evento de viagem A e Maria acompanhou João em um evento de viagem B.

Feita essa breve apresentação sobre as relações entre distributivos, coletivos e comitativos, dedicamos o tópico a seguir para uma discussão das noções de antidistributividade e anticomitatividade, valendo-nos de testes linguísticos com os itens ‘junto’ e ‘sozinho’ do PB.

Sobre antidistributividade e anticomitatividade no PB

Como os nomes sugerem, a antidistributividade e a anticomitatividade podem ser compreendidas, de maneira análoga, como a negação das noções de distributividade e

²⁴ Fonte: Elaboração própria.

comitatividade. Portanto, a anticomitatividade contribui semanticamente para a expressão do não-acompanhamento, isto é, não permite a expressão de acompanhamento para diferentes níveis de interpretação. Por sua vez, a antidistributividade não permite que a(s) propriedade(s) de um predicado sejam distribuídas entre as entidades denotadas na sentença. Porém, conforme observado nos subtópicos a seguir, a antidistributividade e a anticomitatividade são categorias semânticas mais complexas do que pode parecer à primeira vista, apresentando características únicas. Para demonstrarmos, então, essas características, dedicamos o subtópico a seguir para a apresentação do comportamento semântico de ‘junto’ – um modificador antidistributivo – e ‘sozinho’ – um modificador anticomitativo.

‘Junto(s)’ como um antidistributivo

Apesar de ser um tema já explorado no inglês, em trabalhos como o de Lasersohn (1998b) e Moltmann (2004), que apontam que a expressão *together* pode ser entendida como tendo um efeito coletivizante ou antidistributivo, no PB, a relação entre a expressão JUNTO²⁵, que podemos compreender como um equivalente de *together*, e a antidistributividade se tornou alvo de estudos muito recentemente, com os trabalhos de Basso e Araújo (2024) e Araújo e Basso (2025).

Além de demonstrarem que JUNTO pode ter interpretações distintas em sentenças do português brasileiro, assim como notado por Lasersohn (1998b) para a expressão *together* no inglês, Basso e Araújo (2024) também se preocupam em mostrar que a expressão desempenha um outro papel nas sentenças em que ocorre, que é o de forçar uma leitura antidistributiva ou coletivizante, de forma que a única leitura possível é aquela em que o predicado é interpretado coletivamente.

Dessa forma, se pensarmos no exemplo (26) abaixo, em que JUNTO apresenta uma leitura que Basso e Araújo (2024) chamam de *interpretação de combinação de elementos*, veremos que a sentença só pode ser interpretada de forma coletiva, uma vez que, devido a presença do termo, o predicado *ter um gosto ruim* não se aplica a cada um dos indivíduos da sentença, a saber, *vinagre* e *vinho*, mas “ao resultado da combinação desses dois elementos; em outras palavras, podemos dizer que o gosto ruim só pode ser

²⁵ A exemplo de Araújo e Basso (2025), usaremos a metáfora JUNTO para dar conta de todas as formas morfológicas que a expressão apresenta no PB.

sentido através da mistura entre os sabores do vinagre e do vinho” (Basso; Araújo, 2024, p. 6).

(29) O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.

O comportamento antidistributivo de JUNTO fica ainda mais evidente se compararmos (29) com o exemplo (30a) abaixo, em que a sentença não é modificada pela expressão. Assim, enquanto a sentença em (29) apresenta apenas uma leitura coletiva, a sentença em (30a) pode ser interpretada tanto coletivamente quanto distributivamente, como pode ser visto em (30b).

(30) a. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim.

b. O vinagre tem um gosto ruim e o vinho tem um gosto ruim.

A antidistributividade de JUNTO está presente, segundo Basso e Araújo (2024), em todas as interpretações que o termo pode ter, como pode ser visto em (31), em que JUNTO apresenta uma *leitura de cooperação*, em que temos um único evento no qual João e Maria realizam a ação de forma coletiva; mais uma vez se retirarmos o JUNTO da sentença, ela passará a ter, também, uma leitura distributiva, como pode ser visto em (32).

(31) João e Maria juntos resolveram o problema.

(32) a. João e Maria resolveram o problema.

b. João resolveu o problema e Maria resolveu o problema.

Da mesma forma, podemos notar o comportamento antidistributivo associado a JUNTO nas sentenças abaixo, que apresentam, respectivamente, as interpretações de *mensuração*, em que a medida apresentada pelo predicado é compreendida de forma coletiva, e de *contiguidade espaço-temporal*, em que a antidistributividade atua sobre o tempo e ao espaço do evento apresentado pelo predicado. E, assim como nos exemplos anteriores, nota-se que, sem serem modificadas pela expressão, é possível que tais sentenças sejam interpretadas distributivamente.

(33) João e Maria pesam 120 quilos juntos. – *Mensuração*

(34) a. João e Maria pesam 120 quilos.

b. João pesa 120 quilos e Maria pesa 120 quilos.

(35) Ana e Maria dormiram junto. – *Espaço-temporal*

(36) a. Ana e Maria dormiram.

b. Ana dormiu e Maria dormiu.

Por fim, a quinta e última interpretação que JUNTO pode ter é aquela que os autores nomeiam de *interpretação temporal*. Nesse tipo de interpretação, o efeito antidistributivo ou coletivizante da expressão recai sobre o tempo em que o evento apresentado pelo predicado é realizado. Assim, no exemplo (37) o papel de JUNTO é demonstrar que, ainda que existam dois eventos distintos²⁶, isto é, um evento em que João saiu de casa e um em que Maria saiu de casa, os eventos descritos pelo predicado *sair de casa* ocorrem ao mesmo tempo.

(37) João e Maria saíram de casa juntos.

E, da mesma forma que nos exemplos anteriores, sem que a sentença seja modificada pelo item, ela passa a ter uma interpretação distributiva, isto é, os eventos se distribuem no tempo, de forma que, em uma sentença como (38a), João e Maria podem ter saído de casa em tempos diferentes, como pode ser visto em (38b).

(38) a. João e Maria saíram de casa.

b. João saiu de casa e Maria saiu de casa.

Ainda que o trabalho de Basso e Araújo (2024) se inspire em estudos sobre o *together* no inglês, os autores apontam que tanto a proposta de sobreposição de eventos de Lasersohn (1998b) quanto a abordagem baseada em mensuração adotada por Moltmann (2004) não parecem satisfazer o funcionamento semântico de JUNTO no PB, levando em consideração as diferentes interpretações que a expressão pode ter.

Dessa forma, os autores apresentam, ainda que de maneira informal, uma proposta para a semântica de JUNTO baseada na ideia de soma mereológica, de forma que

²⁶ Dada a definição clássica de antidistributividade, que é a de impedir a leitura distributiva do predicado (Moltmann, 2004), poderíamos pensar que tal leitura desafia a classificação feita por Basso e Araújo (2024) de ‘junto(s)’ como sendo um antidistributivo. Não nos aprofundaremos nessa questão no presente artigo, mas é importante destacar que tal reflexão já vem tomando forma e será apresentada em trabalhos futuros.

diferentes indivíduos (ou elementos, entidades etc) “são somados para resultar num único indivíduo numa dada dimensão” (Basso; Araújo, 2024, p. 20). Em outras palavras, a ideia é que ‘A+B junto(s)’ resulte

(i) num grupo formado por A+B de modo que fazem parte de uma entidade que resulta da combinação de A e B (interpretação de combinação), ou (ii) num evento em que A e B participam cooperativamente (ou seja, sem A e B não temos o evento, que é a interpretação de cooperação), ou (iii) num valor somente alcançado mediante a soma de uma medida associada a A e B (mensuração), ou (iv) numa localização l (num tempo t) na qual se encontra a soma da localização de A e de B, ou (v) num momento de tempo t no qual se encontra a soma dos tempos de dois eventos em que participam A e B (Basso; Araújo, 2024, p. 20).

Dessa forma, o efeito coletivizante ou antidistributivo de JUNTO, no PB, está relacionado ao fato de que, assim como ocorre para os predicados coletivos, como visto anteriormente, a expressão faz com que o predicado da sentença seja aplicado às entidades da sentença como um todo, isto é, “à soma (ou grupo) resultante da aplicação de ‘juntos’” (Basso; Araújo, 2024, p. 20).

Finalizamos, dessa forma, nossa exposição sobre a relação entre o item JUNTO no PB e a antidistributividade. Na próxima subseção, mostraremos como a expressão ‘sozinho’, que, a princípio, parece estabelecer uma relação de antonímia com ‘junto’, está ligada à ideia de anticomitatividade.

‘Sozinho’ como um anticomitativo

O item ‘sozinho’ do PB foi explorado em trabalhos como: Basso e Palmieri (2021), que fornecem uma primeira descrição semântica para ‘sozinho’ do PB e ‘da solo’ do italiano; Basso e Rodrigues (2024), que realizam uma descrição semântica detalhada para as interpretações de ‘sozinho’, propondo uma análise semântica unificada a partir da noção de anticomitatividade; Rodrigues e Basso (2025), que comparam os itens ‘só’ e ‘sozinho’ do PB, argumentando que cada um pertence a uma categoria gramatical distinta – conforme os autores, ‘só’ é um modificador exclusivo e ‘sozinho’ é um modificador anticomitativo. Em todos esses trabalhos, no entanto, é notado um comportamento semântico presente em todas as interpretações acionadas por ‘sozinho’: não é permitida a expressão de acompanhamento.

Em Basso e Araújo (2024), é observado que ‘sozinho’ possui ao menos sete interpretações distintas, rotuladas pelos autores como: *espaço-temporal*, *emocional*, *comportamental*, *mereológica*, *modificador argumental*, *(anti-)causal* e *autônoma*. A seguir, fornecemos uma breve descrição para cada uma das interpretações identificadas para ‘sozinho’:

(39) Maria tá sozinha no quarto.

Em (39), a interpretação alcançada por ‘sozinho’ é *espaço-temporal*, em que se entende que não há nenhum outro indivíduo além de Maria no espaço denotado por ‘quarto’. O item ‘sozinho’, ao possuir Maria como escopo semântico, impede que outros indivíduos acompanhem Maria num dado espaço-tempo. O ‘sozinho’ *espaço-temporal* assemelha-se, mas não se confunde, com as interpretações *emocional* e *comportamental*:

(40) a. Pedro é sozinho.

b. Pedro se sente sozinho.

Em (40a), ‘sozinho’ aciona a interpretação *comportamental*, expressando que Pedro é uma pessoa de comportamentos solitários, como alguém que tem o costume de realizar atividades sem companhia ou ajuda de outros indivíduos, mas não necessariamente se sente emocionalmente abalado por isso. Por outro lado, em (40b), a interpretação acionada é *emocional*, em que, a partir da contribuição semântica de ‘sozinho’ e da composição com os outros elementos da sentença, entende-se que Pedro se sente emocionalmente abalado por não possuir companhia.

Para além disso, Basso e Araújo (2024) observaram que ‘sozinho’ também atua sobre pares mereológicos, isto é, sobre grupos constituídos por duas ou mais entidades – esse é o caso das interpretações *mereológicas*. Por exemplo:

(41) Achei a/uma luva sozinha na gaveta.

Para (41), uma interpretação possível acionada por ‘sozinho’ é a de que o falante encontrou apenas uma das luvas que constituem o par de luvas, ou seja, encontrou o par de luvas incompleto na gaveta.

Outra possibilidade de interpretação identificada pelos autores é a de *modificador argumental*, ilustrada a seguir:

(42) a. Maria comeu o pão sozinha.

b. Maria comeu o pão sozinho.

Em (42a), ‘sozinha’ aciona a interpretação de que Maria foi a única pessoa que comeu o pão – nenhum outro indivíduo ocupa o papel de Agente no evento de comer o pão. Analogamente, em (42b), a interpretação acionada por ‘sozinho’ é de que Maria comeu pão puro, sem o acompanhamento de geleia ou manteiga, por exemplo – pão é o único tema no evento de comer. Em (42a,b), ‘sozinho’ possui como escopo, conforme demonstrado pela concordância em gênero, a entidade marcada como Agente ou Tema do evento de comer, impedindo que outras entidades participem do mesmo papel temático.

Basso e Araújo (2024) identificaram também interpretações de ‘sozinho’ com funções adverbiais, como a *(anti-)causal* e *autônoma*:

(43) A porta bateu sozinha. – *(anti-)causal*

(44) O bebê fica em pé sozinho. – *autônoma*

Em ambos os casos, ‘sozinho’ possui como escopo o evento denotado na sentença: em (43), a interpretação acionada é de que não há causa-agentiva aparente para a porta ter batido; em (44), ‘sozinho’ aciona a interpretação de que o jogador levanta por conta própria, sem alguma ajuda externa. As interpretações *(anti-)causal* e *autônoma* não se confundem na medida em que a *(anti-)causal* não permite que uma causa-agentiva seja explicitada, ou seja, que uma entidade com papel de agente seja a causa do evento descrito na sentença:

(45) a. #A porta bateu sozinha porque empurrei ela.

b. O bebê fica em pé sozinho quando se apoia na quina da cama.

Em (45a), a interpretação *(anti-)causal* de ‘sozinho’ gera uma sentença pragmaticamente anômala, uma vez que não é possível explicitar uma causa para o evento descrito na sentença ter ocorrido. Por outro lado, em (45b), a interpretação *autônoma* permite que

uma relação de causalidade seja estabelecida sem que uma sentença pragmaticamente anômala seja gerada.

Conforme a apresentação das interpretações de ‘sozinho’ no PB, nota-se que ‘sozinho’ pode possuir como escopo semântico: indivíduos, eventos e participantes de papéis argumentais de um predicado²⁷. Os exemplos a seguir ilustram essas possibilidades de escopo:

(46) a. João tá sozinho no banheiro. – *indivíduo como escopo*

b. Maria comeu o pão sozinho. – *participante de papel argumental como escopo*

c. A porta bateu sozinha. – *evento como escopo*

Conforme a análise dos autores, em (46a) ‘sozinho’ possui como escopo o indivíduo denotado por ‘João’, acionando a interpretação de que João não está acompanhado de outros indivíduos no espaço denotado por ‘banheiro’ – só ele está lá. Em (46b), por sua vez, ‘sozinho’ possui como escopo semântico a entidade denotada pelo argumento ‘pão’, que participa do papel temático de Tema, acionando a interpretação de que pão é o único Tema no evento de comer – ou seja, Maria comeu pão puro, sem o acompanhamento de geleia ou manteiga, por exemplo. Por fim, em (46c), ‘sozinho’ possui como escopo semântico o evento da porta bater, acionando a interpretação de que não há nenhum outro evento que acompanhe o evento da porta bater numa relação de causa – isto é, a porta bateu sem causa aparente. Para todos os casos, ‘sozinho’ apresenta o mesmo mecanismo semântico: não permitir algum tipo de acompanhamento, sejam indivíduos, eventos ou participantes de papéis argumentais de um predicado.

Uma vez que ‘sozinho’ apresenta esse mecanismo, Basso e Araújo (2024) argumentam que ‘sozinho’ é um modificador anticomitativo, *i.e.* um modificador que contribuiu semanticamente com a expressão da negação da comitatividade, especificamente, com a negação de algum tipo de companhia. Na medida em que

²⁷ Vale ressaltar, como apontou um dos pareceristas anônimos – a quem agradecemos muito –, que a diferença de escopo de ‘sozinho’ para indivíduos e participantes de papéis argumentais é de ordem semântica e a necessidade de classificar em dois tipos de escopos distintos está em separar, numa primeira vista, as interpretações acionadas por ‘sozinho’. Sintaticamente, ‘sozinho’ modifica o argumento interno ou externo de um predicado, que pode ser um indivíduo ou um objeto. No entanto, semanticamente, as interpretações de indivíduo como escopo de ‘sozinho’ são acionadas somente quando o argumento modificado denota uma entidade que é um indivíduo; por sua vez, as interpretações de participantes de papéis argumentais de ‘sozinho’ são acionadas necessariamente quando a entidade denotada pelo argumento modificado está participando de um papel argumental (como Tema, por exemplo).

‘sozinho’ está relacionado com a negação de entidades e ‘junto’, por sua vez, com a soma de entidades, espera-se intuitivamente que ambos os modificadores não possam ser combinados na mesma estrutura de uma oração. No entanto, como veremos na seção a seguir, identificamos combinações possíveis entre o antidistributivo ‘junto’ e o anticomitativo ‘sozinho’ que resultam em sentenças gramaticais e pragmaticamente aceitáveis.

‘Junto(s)’ e ‘sozinho(s)’: combinações entre antidistributividade e anticomitatividade

Levando em consideração que os itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’ parecem ter funções intuitivamente opostas, uma vez que ‘sozinho(s)’ nega o acompanhamento de entidades enquanto ‘junto(s)’, por outro lado, exerce uma função de soma de entidades, podemos pensar em como certas sentenças do PB se comportam semanticamente quando modificadas por essas duas expressões ao mesmo tempo²⁸. Como mostraremos aqui, apesar de a combinação entre esses modificadores parecer em princípio impossível, há exemplos que revelam que esse não é o caso em PB.

Podemos começar nossa análise levando em conta o seguinte exemplo:

(47) A porta bateu sozinha junto com a janela.

Como podemos notar, tal sentença é bem formada tanto sintática quanto semanticamente. Além disso, ao analisar tal sentença, é possível capturar tanto uma interpretação (anti-)causal, veiculada por ‘sozinha’, quanto uma interpretação espaço-temporal, acionada pelo item ‘junto’. Dessa forma, a sentença em (47) pode ser interpretada da seguinte maneira:

(48) A porta bateu sem nenhuma razão aparente no mesmo espaço e ao mesmo tempo em que a janela bateu sem nenhuma razão aparente.

Identificamos, portanto, que para o caso de (47), ‘sozinho’ e ‘junto’ possuem escopo sobre o evento de batida. Ou seja, enquanto o item ‘sozinho’ distribui a

²⁸ É importante frisar que, dado os objetivos principais do presente artigo, essa seção será apenas uma introdução à reflexão sobre a combinação entre os itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’, temática que será trabalhada de forma mais aprofundada em trabalhos futuros.

interpretação de não haver razão para os eventos de bater, ‘junto’ agrupa esses eventos em um mesmo tempo e espaço. Desse modo, conforme ilustrado em (48), é possível alcançar a leitura de que não há causa aparente para que tanto a porta quanto a janela tenham batido no mesmo espaço-tempo. Para além dos fenômenos destacados até aqui, também é possível observar que, ao deslocarmos um dos itens para uma posição sintática²⁹ muito distante do verbo, as sentenças não parecem mais funcionar do ponto de vista semântico, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

(49) #A porta bateu junto com a janela sozinha.

(50) #A porta bateu sozinha com a janela junto.

As interpretações esperadas para (49) e (50) dizem respeito aos casos em que ‘sozinha’ e ‘junto’ possuem o evento da sentença, denotado por ‘bater’, como escopo semântico. Em (49), no entanto, a sentença gerada é pragmaticamente anômala e ‘sozinha’ é processado como modificador de ‘janela’, acionando uma interpretação que pode ser parafraseada como “a janela (que está) sozinha bateu junto com a porta”. Em (50), por sua vez, a sentença gerada também é pragmaticamente anômala uma vez que ‘junto’ modifica ‘janela’. Conforme observamos, a razão para a anomalia das sentenças (49) e (50) pode ser explicada pela ordenação de ‘sozinha’ e ‘junto’ na estrutura da sentença: ao ocuparem uma posição sintática que não permite a modificação do verbo ‘bater’, as interpretações alcançadas não possuem o evento da sentença como escopo e, portanto, resultam em anomalias pragmáticas. Além disso, é importante notar que os exemplos fornecidos anteriormente ilustram casos de anáfora em estrutura sintática de coordenação. A partir dessa estrutura, entendemos que o anticomitativo pode possuir escopo sobre o antistributivo, mas o contrário não. Essa hierarquia sintática, portanto, é uma restrição importante na interpretação resultante da combinação entre o anticomitativo e o antistributivo³⁰.

Em (51), ilustrado a seguir, identificamos outra possibilidade de combinação entre ‘junto’ e ‘sozinho’:

²⁹ Para além da influência da posição sintática, é importante frisar que, ainda que tal temática não seja explicitamente abordada no presente artigo, questões morfológicas (gênero, número, diminutivo) também podem influenciar na interpretação de certas sentenças que apresentam os itens ‘junto’ e/ou ‘sozinho’.

³⁰ Agradecemos ao parecerista anônimo que nos chamou a atenção para a ocorrência de tal fenômeno.

(51) João e Maria foram juntos para casa sozinhos.

A leitura alcançada é a de que nenhum outro indivíduo acompanhava a dupla João e Maria durante o trajeto de volta para casa, que foi feito ao mesmo tempo e no mesmo espaço para ambos³¹. Assim, entendemos que o item antidistributivo ‘junto’, ao possuir como escopo o evento de ir para casa, realiza uma soma dos tempos ocupados por João e Maria ao realizarem tal evento, de forma que os dois o realizam ao mesmo tempo (e no mesmo espaço). Por sua vez, o anticomitativo ‘sozinho’ possui como escopo a dupla formada por João e Maria, não permitindo que outros indivíduos acompanhem a dupla no trajeto de volta para casa. O mesmo pode ser observado no exemplo a seguir:

(52) João e Maria brincaram juntos enquanto estavam sozinhos no parque.

Para (52), ‘juntos’ possui como escopo o evento denotado por ‘brincar’, de forma que, assim como em (51), soma-se o tempo e o espaço em que João e Maria realizaram o evento, e o resultado de tal soma é uma contiguidade espaço-temporal. Nota-se que, além disso, a leitura alcançada também é recíproca, uma vez que entende-se que João brinca com Maria e Maria brinca com João. Por sua vez, ‘estavam sozinhos’ possui como escopo a dupla formada por João e Maria, impedindo que outros indivíduos acompanhem João e Maria no espaço denotado por ‘parque’.

(53) João e Maria apresentaram sozinhos o trabalho juntos.

Em relação a (53), ‘sozinho’ possui como escopo o evento de apresentação do trabalho, acionando a leitura de que João e Maria apresentaram o trabalho por conta própria – sem a ajuda ou participação de outros indivíduos. Por sua vez, ‘juntos’ parece acionar duas leituras, concomitantemente. Isso porque, além de uma leitura espaço-temporal, em que João e Maria compartilharam o mesmo espaço e tempo ao apresentarem o trabalho, também é possível interpretar a sentença de forma cooperativa, isto é, de forma que João e Maria cooperaram para a apresentação do trabalho. Uma possível explicação

³¹ É possível também interpretar que cada um dos indivíduos foi sozinho para sua própria casa. Nesse caso, como notado por um dos pareceristas anônimos, é possível parafrasear a interpretação por ‘João e Maria saíram ao mesmo tempo para iniciar, cada um, o evento de deslocamento até a casa’.

para a ocorrência dessas duas leituras de forma conjunta pode estar relacionada, de acordo com Araújo e Basso (2025, p. 12) ao fato de que,

em sua maioria, as sentenças com interpretação de cooperação também podem ser lidas de forma (espaço-)temporal, visto que, ao cooperarem entre si, é muito provável que os participantes da sentença realizem a ação descrita pelo evento no mesmo espaço e/ou ao mesmo tempo.

Desse modo, a leitura acionada por (53) é a de que a dupla João e Maria cooperativamente, e no mesmo tempo e espaço, apresentou o trabalho sem a ajuda de algum indivíduo externo à dupla – como o professor ou outros colegas de sala.

Da mesma forma, em (54), temos a interpretação de que João e Maria cooperaram para a resolução do problema, e fizeram isso sem a ajuda de nenhum indivíduo externo à dupla.

(54) João e Maria juntos resolveram o problema sozinhos.

Neste caso, porém, não podemos afirmar que, além da leitura cooperativa, ‘juntos’ também aciona uma interpretação (espaço-)temporal. Isso porque, de acordo com Araújo e Basso (2025, p. 12), enquanto a interpretação cooperativa “é capturada mais facilmente quando JUNTO ocorre antes do verbo, modificando os sujeitos, e também quando aparece no início da sentença”, a leitura (espaço-)temporal só pode ser capturada “quando JUNTO aparece no início da sentença, separado do restante da oração por vírgulas, ou quando ocorre após o verbo” (Araújo; Basso, 2025, p. 12).

Por fim, podemos analisar a sentença em (55). Nela, o item ‘junto’, acompanhado da preposição ‘com’, denota que João e Maria estavam dividindo o mesmo espaço (e tempo), neste caso, a floresta, com a bruxa. Já ‘sozinhos’ demonstra, que, para além de João e Maria, não havia nenhum outro indivíduo dividindo esse mesmo espaço (e tempo) com a bruxa.

(55) João e Maria estavam sozinhos na floresta junto com a bruxa.

Os exemplos apresentados até aqui, mostram que, ainda que os itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’ tenham sentidos opostos, ainda é possível combiná-los em sentenças do PB – isto é, mesmo que os itens não estejam necessariamente ocupando a mesma estrutura

sintática, eles podem aparecer na mesma sentença sem que seja gerada uma anomalia de interpretação na proposição veiculada pela sentença. Além disso, foi possível notar que ambas as expressões analisadas mantêm suas propriedades semânticas mesmo diante de um item com função distinta. Em outras palavras, pudemos perceber que, ao combinarmos os itens ‘junto’ e ‘sozinhos’, suas propriedades antidistributivas (ou coletivizantes) e anticomitativas não são anuladas. Tal comportamento é fundamental para corroborar as teses de Basso e Araújo (2024), de que o item ‘junto’, no PB, tem uma função antidistributiva ou coletivante, e de Basso e Rodrigues (2024), que apontam que a expressão ‘sozinho’ não permite companhia, isto é, é um item anticomitativo.

Não podemos deixar de notar, porém, que dentre as sentenças analisadas, as expressões apresentaram apenas algumas das interpretações possíveis. Diante disso, podemos nos perguntar se a combinação entre ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’ funciona para todas as interpretações que os itens apresentam ou se isso só é possível em casos específicos. Com base nos dados fornecidos nesta seção, pudemos observar uma certa preferência de combinação entre as interpretações espaço-temporal e (anti-)causal de ‘sozinho(s)’ e as interpretações espacial e temporal de ‘junto(s)’. Ainda que nosso objetivo nesta seção fosse apenas apresentar, de forma breve, a possibilidade de combinação desses modificadores, nos parece, ao menos a princípio e com base em testes envolvendo a intuição de falante nativo, que essas são as únicas ou, ao menos, as mais frequentes possibilidades de combinação dos itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’.

Conclusão

Começamos o artigo com uma apresentação das noções de distributividade, coletividade e comitatividade, mostrando que (i) distributivos contribuem semanticamente com a atribuição das propriedades de um predicado, de forma que tal atribuição é feita para cada uma das entidades que compõem um par, grupo ou conjunto modificado pelo predicado; (ii) coletivos contribuem semanticamente com a atribuição das propriedades de um predicado, porém a atribuição é feita a um grupo ou conjunto de indivíduos como um todo; e (iii) comitativos contribuem semanticamente com a expressão de acompanhamento, permitindo que uma entidade seja introduzida no evento denotado na sentença. Após apresentarmos essas noções, discutimos sobre as relações entre distributivos, coletivos e comitativos, e demonstramos que enquanto distributivos e coletivos podem ser entendidos como noções semanticamente opostas, um item

comitativo pode combinar-se tanto com interpretações distributivas quanto com interpretações coletivas.

Em seguida, apresentamos as noções de antidistributividade e anticomitatividade relacionadas aos itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’, respectivamente, entendendo que a antidistributividade é um mecanismo semântico que não permite que uma sentença tenha uma leitura distributiva, e que, enquanto item antidistributivo, o papel de ‘junto(s)’ no PB é realizar uma soma de entidades de forma que o predicado de uma sentença atue sempre sobre o resultado/grupo dessa soma, e que a anticomitatividade, por sua vez, trata-se de um mecanismo semântico que não permite o acompanhamento de entidades, sendo ‘sozinho’ um item que apresenta esse feito no português brasileiro.

Feita essa apresentação, realizamos testes linguísticos envolvendo a combinação do antidistributivo ‘junto’ com o anticomitativo ‘sozinho’, buscando compreender a (in)compatibilidade entre interpretações antidistributivas e anticomitativas. Como resultado, observamos que, ainda que os itens tenham sentidos opostos e funções semânticas diferentes, eles ainda podem ser combinados em sentenças sintática e semanticamente bem formadas no PB. No entanto, ainda que tenhamos mostrado que tal combinação é possível, deixamos em aberto o questionamento sobre os tipos de interpretação de ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’ que podem se combinar de forma satisfatória.

Por fim, ao apresentar, ainda que de forma introdutória, os conceitos de coletividade, distributividade e comitatividade, bem como exemplos da ocorrência desses fenômenos no PB, buscamos contribuir para a descrição dessas categorias semânticas, bem como para a descrição do português brasileiro, além de colaborar para o avanço dos estudos em semântica formal no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Carolina de Sousa; BASSO, Renato Miguel. Junto, juntos, juntinhos e afins: propriedades semânticas e morfossintáticas de um item antidistributivo do português brasileiro. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 22, p. 1-17, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2025.e100123>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/100123>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ARAÚJO, Rerisson; GOMES, Débora Trindade; FIGUEIREDO, Cristina. Sobre o papel temático da preposição “com”. **Letrônica**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e32480, 2019. DOI: 10.15448/1984-4301.2019.2.32480. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/32480>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BASSO, Renato Miguel; PALMIERI, Giada. 'Alone' semantics, but not semantics alone: on da solo/sozinho in Italian and Portuguese. **II Encuentro de Lingüística Formal en México**, Universidad Autónoma De Puebla, 2021.

BASSO, Renato Miguel; ARAÚJO, Ana Carolina de Sousa. Sobre a semântica de “juntos” no português brasileiro: tipologia e investigação preliminar. **Gragoatá**, Niterói, v. 29, n. 64, e60739, p. 1-25, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/60739/37279>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BASSO, Renato Miguel; RODRIGUES, Elisa Anju. Sobre a semântica de 'sozinho': uma descrição de suas interpretações. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 66, n. 00, p. e024005, 2024. DOI: 10.20396/cel.v66i00.8674912. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8674912>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CHAMPOLLION, Lucas. **Distributivity, collectivity and cumulativity**. 2015. Disponível em: <https://www.linguist.univ-paris-diderot.fr/~bcrabbe/mpri/champollion.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2025.

FLORIO, Salvatore; NICOLAS, David. Plurals and Mereology. **Journal of Philosophical Logic**, v. 50, n. 3, pg. 415 - 445, 2020. DOI: 10.1007/s10992-020-09570-9. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/FLOPAM>. Acesso em: 8 jan. 2025.

LASERSOHN, P. **Plurality, Conjunction, and Events**. Dordrecht; Boston:Kluwer Academic Publishers, 1995.

LASERSOHN, Peter. Generalized distributivity operators. **Linguistics and Philosophy**, v. 21, n. 1, p. 83-93, 1998a.

LASERSOHN, Peter. Events in the Semantics of Collectivizing Adverbials. *In*: ROTHSTEIN, S. (ed.). **Events and Grammar: Studies in Linguistics and Philosophy**. Dordrecht: Springer, 1998b. v. 70, p. 273-292.

LINK, Godehard. Ten Years of Research on Plurals - Where Do We Stand?. *In*: HAMM, Fritz; HINRICHS, Erhard. (eds). **Plurality and Quantification**. Studies in Linguistics and Philosophy, vol 69. Springer:Dordrecht, 1997. p. 19-54.

MOLTMANN, Friederike. The Semantics of Together. **Natural Language Semantics**, [S. l.], v. 12, p. 289-318, 2004.

PALMIERI, Giada. **Lexical and Grammatical Reciprocity: Perspectives from Romance, Bantu and beyond**. 2024. Dissertação (Mestrado). Universidade de Utrecht, Países Baixos, 2024. Disponível em: <https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/438381>. Acesso em: 8 fev. 2025.

RITCHIE, Katherine. Plural and Collective Noun Phrases. *In*: JANKOVIC, Marija; LUDWIG, Kirk (ed.). **The Routledge Handbook of Collective Intentionality**. 1. ed.

Nova Iorque: Routledge, 2017. p. 464-475. Disponível em:
<http://www.kcritchie.com/documents/PluralAndCollectiveNPs.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2025.

RODRIGUES, Elisa Anju; BASSO, Renato Miguel. O que só 'sozinho' faz e o que 'só' faz sozinho. **Intercâmbio**, [S. l.], v. 55, p. e68538, 2025. DOI: 10.23925/2237-759X2024V55e68538. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/68538>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SCHWARZSCHILD, Roger. **Pluralities**. 1 ed. Berlim: Springer, 1996.

Como referenciar este artigo:

ARAÚJO, Ana Carolina de Sousa; LARDAPIDE, Elisa Anju. A respeito de coletivos, distributivos e coletivos no português brasileiro. **revista Linguagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 30-59, 2025.

Submetido em: 27/02/2025

Aprovado em: 01/07/2025